

Apresentação

Marcos Del Roio

Como citar: ROIO, M. D. Apresentação. *In* : ROIO, M. D. (org.). **Marx e a dialética da sociedade civil**. Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2014. p.7-11. DOI: <https://doi.org/10.36311/2014.978-85-7983-596-4.p7-11>



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-NonCommercial-NoDerivatives 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-No comercial-Sin derivados 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

APRESENTAÇÃO

Quando o capitalismo apenas se consolidava e se difundia pela Europa e nos Estados Unidos, Marx descobriu a chave do movimento da sociedade civil burguesa na dinâmica contraditória do capital. Comprovou assim a historicidade do capitalismo e do capital, demonstrando que essas entidades tiveram um começo histórico e que estavam destinadas a serem superadas de alguma maneira.

Certo que Marx desenvolveu o seu estudo científico filosófico não só com o objetivo de apreender o movimento dialético do capital, mas também e principalmente com a mira de demonstrar a possibilidade histórica do comunismo, ou seja, a possibilidade da humanidade se emancipar das carências materiais e espirituais especificamente geradas no capitalismo. Ora, era precisamente o capitalismo com o seu potencial de desenvolvimento da ciência e das forças produtivas a gerar essa possibilidade. No entanto, essa possibilidade encontrava-se bloqueada contraditoriamente pelas relações sociais que tendiam a concentrar, ao modo de capital, a riqueza socialmente produzida em número sempre menor de pessoas e deixando a maior parte da força de trabalho apenas com o necessário para a sua reprodução enquanto tal.

O movimento da sociedade civil, na medida em que ganhava complexidade, gerava formas de organização das classes, formas jurídicas, formas culturais, representações ideológicas e também um poder político empenhado na garantia da reprodução da ordem social fundada no antagonismo gerado pela acumulação capitalista. Para a manutenção da ordem social ditada

pelo capital era essencial a existência de formas variadas de alienação que permitissem aos homens viverem em um mundo que reproduzia riqueza e miséria e que fosse tido como ápice da civilização ou como natural.

Assim, o objetivo da emancipação humana tinha muitos obstáculos diante de si. Seria preciso organizar, educar, unificar o proletariado industrial, tornando-os cientes do movimento da sociedade civil e de que esse movimento poderia ser alterado pela vontade organizada dos homens na forma de partido e de um programa. O conhecimento científico do movimento contraditório da sociedade civil permite que se faça uma previsão do andamento da contradição e também de como atuar subvertendo o processo que gera exploração e alienação de modo tal a se encaminhar pra a emancipação do trabalho e da humanidade.

Os trabalhadores dispersos, se fazendo classe e partido, por meio de um movimento político revolucionário, devem assumir o poder político e alterar radicalmente a forma de gestão das coisas. A democracia proletária deve também exercitar a força para neutralizar as energias da burguesia, ao mesmo tempo em que reorganiza o processo produtivo.

Mesmo com a capacidade de apreensão do processo contraditório da sociedade civil, cujo núcleo estava no movimento do capital, Marx não poderia ter-se dado conta da enorme força expansiva do capitalismo, que corria para se apropriar do planeta. Nessa corrida a tendência foi o do agravamento das contradições, sempre contrastadas por soluções temporárias e pela insuficiência das forças do trabalho no seu empenho de gerar a alternativa socialista.

Além de razões históricas muito objetivas e concretas, também apareceram os limites da vertente cultural que se referiu ao nome de Marx. O marxismo pode ser entendido como a ideologia que se inspirou em Marx e se desenvolveu vinculada de maneira mais ou menos orgânica a um setor do movimento operário e também em centros científicos e universidades. No seu desenvolvimento o marxismo ganhou diversidade e complexidade, mas certo é que se manifestou em condições determinadas historicamente. Teve que se defrontar com as ideologias predominantes do universo burguês e teve ainda que se difundir entre a massa de trabalhadores. O resultado é que o marxismo, com alguma frequência se vulgarizou e

sofreu intrusões fosse do positivismo, fosse do neokantismo. Ou seja, teve muitas dificuldades no debate ideológico e também na prática política.

Um século depois da morte de Marx tudo levava a crer que a influência cultural de Marx e do marxismo começava o seu declínio histórico, exatamente quando estava em andamento a crise orgânica do capital. O marxismo político não arrumou condições para reagir à desesperada ofensiva do capital para o enfrentamento da crise, que só poderia ocorrer a expensas do trabalho, por suposto. Inovações tecnológicas e gerenciais, acobertadas pela ideologia e pelo programa neoliberal, deprimiram a organização operária no sindicato e no partido. Estava em marcha a reorganização do mundo do trabalho segundo o projeto do capital. Havia necessidade de se resgatar a taxa de acumulação em declínio e para isso era preciso desorganizar a classe operária forjada no ciclo taylorista-fordista e criar outra mais dispersa, mais precarizada, mais hierarquizada, mais individualista e imune a influência marxista. Nesse processo de destruição / reconstrução da força de trabalho conforme o desígnio do capital em crise até a ideologia marxista foi gravemente atingida.

Ainda que a editoria de estampa marxista tenha diminuído, que sindicatos e partidos de esquerda referidos no marxismo tenham se debilitado drasticamente, o fato é que o agravamento da crise orgânica do capital trará de volta o antagonismo social e a luta de classe, em patamares mais elevados, mas não é garantido que dessa vez as forças do trabalho possam se sair vitoriosas. Na verdade, ainda que as lutas sociais estejam presentes para fazer frente à barbárie tecnológica que ganha corpo, a tendência atual ainda é de regressão civilizacional e de crise da espécie humana.

Contudo há forças culturais e políticas que se empenham na compreensão da fase histórica em que estamos imersos e que contam com o acúmulo de conhecimento e de experiência de século e meio de luta socialista, forrada de erros talvez, mas também de grandes empreendimentos intelectuais e políticos. A crise orgânica do capitalismo, agravada desde 2008, colocou em cena novamente a obra de Karl Marx, depois do ofuscamento sofrido desde fins dos anos 70. Hoje podem ser percebidas novas edições e novas traduções das obras marxianas, assim como renovados estudos. A paulatina publicação e difusão das obras completas de Marx e Engels, enriquecidas com um aparato crítico também figura como um estímulo muito importante.

O livro sobre Marx sobre o qual o leitor agora se debruça é produto do V Seminário Internacional de Teoria Política do Socialismo, realizado nas dependências da Faculdade de Filosofia e Ciências da UNESP, campus de Marília, por iniciativa do Grupo de Pesquisa Cultura e Política do Mundo do Trabalho e do Instituto Astrojildo Pereira. Na semana de 12 a 16 de agosto de 2013, cerca de 20 pesquisadores se apresentaram para debater sobre a obra de Marx e sobre a crise e sobre os problemas da transição socialista. Centenas de pessoas participaram com apresentação de trabalhos e nas discussões. Na organização do evento a ação dos professores Anderson Deo, Jair Pinheiro e Marcelo Lira foi preciosa e indispensável.

Os capítulos desse livro tentam reproduzir os resultados desse evento científico, na esperança de contribuir no necessário debate que o resgate da obra de Marx suscita. O livro tem início com a avaliação das implicações da publicação da MEGA² nos estudos sobre Marx. É possível que certezas consolidadas venham a ser abaladas com a publicação da MEGA², segundo a sugestão de Roberto Fineschi. No entanto, Mauricio Vieira Martins chama atenção para os cuidados que se deve tomar para não se incorrer no erro de nos julgarmos diante da verdade enfim revelada e de se descartar o conjunto de estudos já realizado sobre a obra marxiana.

A parte seguinte aborda a polêmica que cerca a questão da alienação na obra de Marx. Tivemos a intervenção de quatro autores, que trataram da relação entre Hegel e Marx, dos diversos significados de alienação, do problema da restrição dessa categoria apenas aos escritos de juventude ou de sua persistência até maturidade. A polêmica está longe de ser colmada, como mostram as intervenções de Marcello Musto, Mauro Iasi, Paulo Denisar Fraga e Armando Boito Jr.

Os textos subsequentes, sem se descolar da discussão teórica, tem um viés mais histórico. Começa-se com a apreciação das intervenções de Marx na análise da luta política na conjuntura revolucionária de 1848-1850. No centro da discussão encontram-se os temas do partido político em Marx, tratado por Anderson Deo, a questão do desenvolvimento da luta de classes em luta revolucionária, que coube a Marcos Del Roio a exposição, e, por fim, a questão da revolução permanente, que ficou a cargo de David Maciel.

Seguem-se três textos de discussão sobre os escritos de O Capital, o núcleo mesmo da pesquisa de Marx. Nas páginas elaboradas, por John Holloway, por Jesus Ranieri e por Hélio Azara pode ser notada a ênfase no nexo da lógica dialética de Hegel com a dialética de Marx.

As intervenções que encerram os debates giraram em torno do tema da extinção do Estado (e da política) no comunismo, argumento tratado por Paulo Douglas Barsotti, Ivo Tonet e Pedro Leão da Costa Neto. Percebe-se desde logo que se trata de um livro instigante, composto pela participação de autores qualificados e que cobre um cenário de reflexão a ser -- sem qualquer dúvida -- bastante aprofundada.

Marcos Del Roio